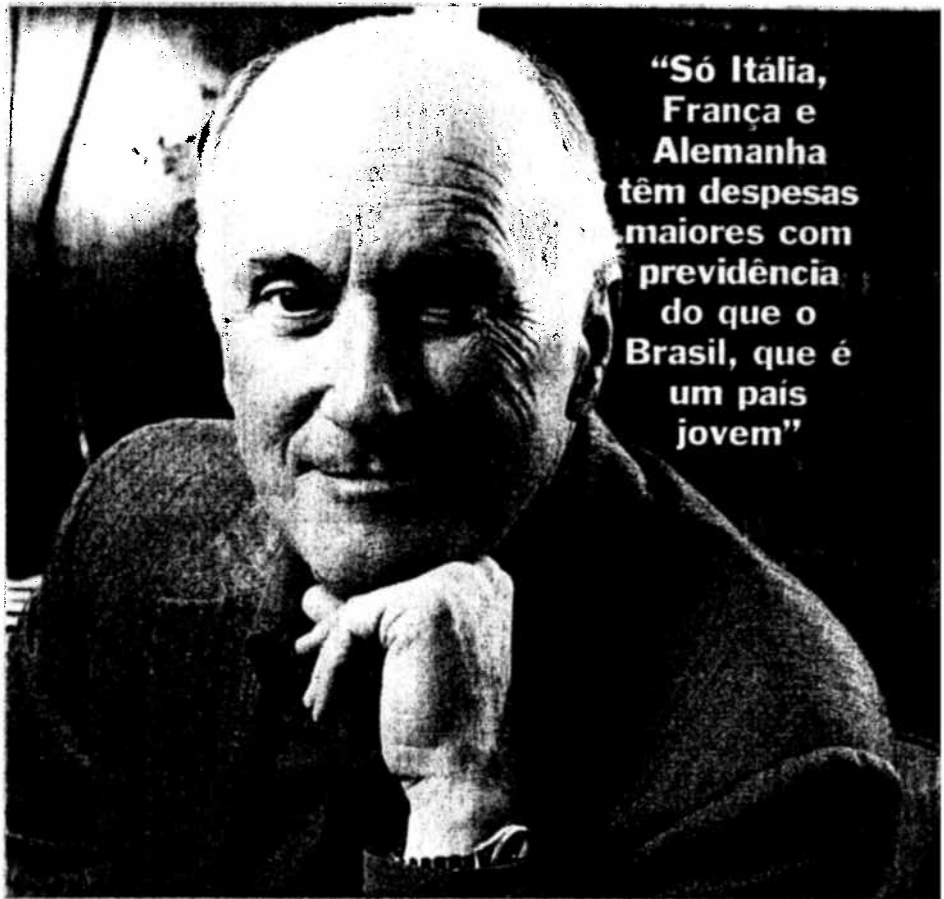


# O Brasil gasta mal

**O professor americano diz que no país são os mais pobres que contribuem para ajudar os ricos. Somos o avesso de Robin Hood**

Chrystiane Silva

O historiador econômico Peter Lindert, professor da Universidade da Califórnia, em Davis, nos Estados Unidos, é um mestre na análise de gastos sociais. Já passou a lupa analítica sobre as despesas de dezenas de nações. Em relação ao Brasil, conclui: o país gasta muito e gasta mal. Aos 64 anos, o autor de *Growing Public*, livro que mapeia a relação entre crescimento econômico e dispêndios sociais desde o século XVIII, surpreendeu-se com uma peculiaridade brasileira. Por aqui, apesar da prevalência de uma população jovem, a maior parte dos recursos é sugada pelo sistema previdenciário. “É um contra-senso”, resume. “Essa lógica privilegia os idosos, militares e funcionários públicos. Sobra menos dinheiro para investir em saúde e educação.” Com isso, explica ele, quase toda a contribuição dos mais pobres acaba financiando a aposentadoria dos mais ricos. “Eis aí o paradoxo de Robin Hood”, diz o professor. É por isso que, ao contrário do que clamam vários setores da sociedade brasileira, o centro da discussão sobre gastos sociais deve se deslocar do volume da despesa para se concentrar em ações eficientes e confiáveis, que atendam quem precisa. Lindert falou a VEJA antes de participar, no Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, da Conferência Internacional sobre Política Social no Brasil, na semana passada, em São Paulo.



“Só Itália, França e Alemanha têm despesas maiores com previdência do que o Brasil, que é um país jovem”

**Veja** — O Brasil destina 25% de seu PIB para a área social, mas não consegue reduzir a pobreza. Isso significa que o país deveria gastar mais?

**Lindert** — Não. Na verdade, o investimento já é muito alto. O problema é que os programas sociais não atendem os mais pobres. Quase todo o dinheiro é usado para custear o sistema previdenciário dos mais ricos, principalmente dos militares e dos juizes. É um mecanismo distorcido, em que se gasta muito e mal. Essa situação não é uma marca do Brasil ou mesmo da América Latina. A Índia tem problema semelhante. As castas mais baixas pagam impostos para que as mais altas usufruam educação e saúde.

**Veja** — Mas o fato é que mais cedo ou mais tarde a população vai envelhecer. Como resolver a questão da previdência social no Brasil?

**Lindert** — Todos os economistas concordam que o Brasil é diferente do resto do mundo. É um país jovem, mas, ao mesmo tempo, tem grande preocupação com o envelhecimento. É difícil entender isso, pois existem muitas ações sociais que deveriam ser consideradas prioritárias no país. Só Itália, França e Alemanha têm despesas maiores com previdência do que o Brasil, que é um país jovem. Acontece que eles, sim, têm motivo para se preocupar, já que possuem uma parcela expressiva da população acima de 65 anos. É por isso que penso que,

**Lindert** — É preciso manter um regime democrático, com transparência de informações e regras claras. É fundamental haver espaço para críticas. É preciso combater ainda o uso irregular e o desvio de recursos. Isso é democracia. O Brasil não está em má posição sob esse ponto de vista. Tem um sistema democrático consolidado. Tem também grupos empresariais e políticos competitivos, e o governo presta contas dos gastos públicos. Isso torna a situação mais fácil. Há casos muito piores. A Índia é a maior democracia do mundo, mas quando você olha para a realidade daquele país percebe que, além de pobre e desigual, tem a agravante do sectarismo entre as castas. Os Estados Unidos, outro exemplo, tiveram de superar grandes problemas raciais e ainda encontram entraves nessa área. No caso do Brasil, não. No mínimo, essas questões são menos graves. A impressão que tenho é que estão todos juntos, unidos em um objetivo comum.

**Veja** — *O que determina quanto um país deveria gastar em programas sociais como saúde, educação e previdência?*

**Lindert** — Quatro quesitos definem quanto as nações devem direcionar a programas sociais. O primeiro parâmetro é a situação econômica. Os países mais ricos gastam mais. Outro ponto importante é o que defino como homogeneidade. Quando se tem a sensação de que, de fato, todos os cidadãos são iguais, que eles são o mesmo tipo de pessoa que você é, isso faz com que ninguém se incomode em pagar mais impostos, contanto que eles se revertam em bons programas sociais e segurança. O terceiro quesito é a idade da população. Sociedades em que há um percentual maior de pessoas velhas têm obrigatoriamente de gastar mais em previdência social. O quarto aspecto a ser considerado — na minha opinião, o mais importante — é a existência da democracia. Se olharmos pelo retrovisor, veremos que não havia a preocupação com gastos sociais no mundo por volta do início do século XX. Mas hoje, com a consolidação dos sistemas democráticos, quando se observa a desigualdade social e a pobreza, a primeira pergunta que se faz é por que ninguém toma pro-

vidências a esse respeito. Só há uma resposta: falta de vontade dos governos.

**Veja** — *O que o Brasil pode fazer para melhorar a qualidade dos gastos sociais? É possível medir a eficiência dos programas?*

---

**“O Bolsa-Escola foi uma solução caseira para um problema local, mas que funciona muito bem. É claro que não irá resolver a questão da qualidade do ensino, mas essas crianças terão formação melhor e poderão contribuir com o país”**

---

**Lindert** — O que dá para fazer agora é olhar coisas óbvias, básicas. Crianças na escola, hospitais... E, é claro, restringir a generosidade concedida às classes sociais mais altas. Sem dúvida, é possível medir a eficiência dos gastos públicos, mas ainda não há estatísticas mundiais completas para fazer um levantamento preciso. Talvez no futuro possamos medir com maior exatidão o efeito dos gastos públicos, mas agora não existem boas ferramentas para isso. Um fator que sem dúvida pode contribuir para essa análise é a transparência. Vivemos na era das câmeras e da internet, em que facilmente a população pode ser informada sobre o que é feito com seu dinheiro e onde ele é usado.

**Veja** — *Que áreas sociais deveriam receber mais investimentos e quais poderiam trazer melhores resultados a curto prazo?*

**Lindert** — Para reduzir a desigualdade social e promover o crescimento econômico de uma nação, é preciso deslo-

car os gastos públicos para longe das aposentadorias, especialmente as dos servidores públicos, e investir em educação e saúde. Na educação, seria necessário concentrar os investimentos na formação de professores e nos alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Só com educação um país consegue crescer. Na área de saúde pública é preciso investir em programas de prevenção, principalmente fora das grandes cidades. Esse direcionamento de recursos já foi utilizado por outros países e deu bons resultados. É isso que a experiência internacional sugere.

**Veja** — *É possível fazer bons programas sociais mesmo em países com problemas para equilibrar as contas do governo?*

**Lindert** — Entre os países desenvolvidos, podemos constatar que os que têm gastos sociais elevados e altos impostos não apresentam grandes déficits públicos. Curiosamente, os que têm os maiores déficits são justamente aqueles que possuem menos recursos destinados à área social. O do Japão é elevadíssimo, e isso não tem nenhuma relação com um estado de bem-estar social. O segundo maior déficit do mundo é o dos Estados Unidos, onde os impostos usados para custear os avanços militares fizeram explodir o orçamento americano. Em suma, não há necessariamente uma relação entre as duas coisas.

**Veja** — *A ineficiência dos gastos não tende a agravar os problemas sociais e comprometer o futuro do Brasil?*

**Lindert** — Felizmente, não. O Brasil está melhor que o grupo de países que dificilmente conseguirão melhorar de vida. Eles ficam em zonas de guerra e são muito pobres. O Brasil está entre as nações que podem crescer bastante quando enfrentarem seus problemas. Elas serão capitaneadas pela China, que, em breve, deve se consolidar como um dos países mais prósperos do mundo. O Brasil também estará nesse grupo e tem muito a ensinar à China. Aqui, existe democracia, governo e instituições muito mais sólidas do que no gigante asiático. Isso sem falar nos recursos naturais. Na minha opinião, o futuro imediato do Brasil é muito bom. ■